

NOSTALGIA DA LUZ (2010) _ 11 de Abril de 2017

sinopse O deserto de Atacama localiza-se na região norte do Chile até à fronteira com o Peru. A 3000 metros de altitude e com cerca de 1000 quilómetros de extensão, é considerado o deserto mais alto e mais árido do Mundo, com níveis de precipitação próximos do zero. Por causa disso, o solo de Atacama é comparado a Marte. As temperaturas variam entre os 0º C à noite os 40º C durante o dia. Devido à sua altitude, nuvens quase inexistentes, ar seco e falta de poluição luminosa, este é um dos melhores lugares do Mundo para a observação astronómica e é lá que muitos cientistas procuram vida extraterrestre e tentam perceber os enigmas do Universo. Mas também é no deserto de Atacama que algumas mulheres procuram os restos mortais de familiares perdidos: exploradores, mineiros, índios ou prisioneiros políticos da ditadura de Pinochet...

Estreado em 2010 no Festival de Cinema de Cannes, um documentário que conta com realização, argumento e narração do chileno Patricio Guzmán

Título Original: Nostalgía de la luz (França, Alemanha, Chile, Espanha, EUA/2010/90 min)

Argumento e Realização: Patricio Guzmán

Produção: Meike Martens, Renate Sachse

Fotografia: Katell Djian

Som: Freddy González

Montagem: Patricio Guzmán e Emmanuelle Joly

Distribuição: Midas Filmes

Classificação: M/12

Estreia em Portugal: 11 de Fevereiro de 2016



O BOTÃO DE NÁCAR (2015) _ 13 de Abril de 2017

sinopse Cinco anos depois da estreia de “Nostalgia da Luz”, um documentário sobre o deserto de Atacama numa associação à história recente do Chile, o realizador Patricio Guzmán regressa com “O Botão de Nácar”. Com 2670 milhas de costa e paisagens espectaculares, o Chile contém o maior arquipélago do planeta Terra. Agora, voltando a usar a geografia chilena como pano de fundo, este filme fala-nos da importância dos oceanos, onde se ouvem as vozes dos primeiros indígenas da Patagónia, dos primeiros colonos ingleses ou dos prisioneiros políticos da ditadura de Augusto Pinochet (que durou quase duas décadas, entre 1973 e 1990). **Festival de Berlim - Urso de Prata Melhor Argumento**

Título Original: El Botón de Nácar (Chile, França, Espanha / 2015 / 82 min)

Argumento e Realização: Patricio Guzmán

Produção: Renate Sachse

Fotografia: Katell Djian

Som: Álvaro Silva Wuth

Montagem: Emmanuelle Joly

Distribuição: Midas Filmes

Classificação: M/12

Estreia em Portugal: 11 de Fevereiro de 2016



Universais em particular

Jorge Mourinha, *Público* de 18 de Fevereiro de 2016

Dois ensaios sobre a geografia da memória que transcendem o simples documentário: ***Nostalgia da Luz*** e ***O Botão de Nácar***

Faz todo o sentido que estes dois filmes do mestre chileno Patricio Guzmán - ensaios que utilizam a forma do documentário mas a transcendem - estreiem juntos, apesar dos cinco anos de intervalo entre ambos. Estamos perante obras gémeas, complementares, que olham de dois pontos de vista diferentes para uma mesma nação que se construiu praticamente de costas para a sua própria geografia, sempre a partir de um universo maior, e nesse movimento de partir do “infinitamente grande” para o “infinitamente pequeno” revelam como a própria história do país é literalmente dividida pela ruptura do golpe de estado que depôs Allende e instaurou o regime de Pinochet.

Em ***Nostalgia da Luz*** é o deserto de Atacama e as suas características únicas para a astronomia e para a investigação do espaço sideral que serve de ponto de partida; ***O Botão de Nácar*** parte da história das tribos indígenas costeiras que viviam da enorme costa marítima chilena e que foram paulatinamente extinguidas por uma colonização ocidental que não foi capaz de compreender a chave do futuro que estava a deitar fora. São duas facetas de um mesmo diálogo sobre a memória histórica, entendida como uma forma de arqueologia infinitamente curiosa, mas a vantagem vai em nosso entender para ***Nostalgia da Luz***, mais elegante formalmente e narrativamente mais conseguido que ***O Botão de Nácar***.

Nostalgia de la luz (2010) de Patricio Guzmán

Tiago Ribeiro, *à pala de Walsh*, 11 de Fevereiro de 2016

Se foi necessário mais de meio século para alguns filmes de Ozu ou Satyajit Ray estrearem comercialmente em Portugal, não nos podemos dar por melindrados por um dos melhores documentários dos últimos largos anos só ter tido agora, seis anos depois de correr mundo, a sua chegada a terras entre Vila Nova de Cerveira e Vila Real de Santo António. Felizmente, nestes malditos tempos de dessacralização da sala do cinema, há muito que ***Nostalgia de la luz*** (*Nostalgia da Luz*, 2010) estava disponível (e em muito boa qualidade, sobretudo para um ecrã de 48 polegadas) para quem o quisesse ver. Até nos esquecemos que estamos a ver algo a caminho de um postal.

Tarefa difícil, mas sonhemos: ir para uma sessão de ***Nostalgia de la luz*** sem fazer a mais pequena e remota ideia do que seja. Pensar que Patricio Guzmán é o extremo esquerdo do Colo-Colo, ignorar que haja sequer cinema chileno nos escaparates internacionais, encolher os ombros perante noções como “cinema documental”, não ler texto algum sobre o filme, começando já por este. Por isso, se chegou até aqui, vá-se embora. Vá fumar cachimbo, dar festinhas ao gato, discutir o Orçamento de Estado e os malandros de Bruxelas ou, caso viva perto da praia, vá ver o mar. A experiência será mais gratificante, pois imprevisíveis e surpreendentes são os caminhos por onde nos guia o realizador chileno, começando a nossa jornada por um ponto que rapidamente nos leva a outro que só gradualmente iremos apreender como complementares.

Nostalgia de la luz inicia-se como um documentário pedagógico e informativo sobre as funções da Astronomia para a pouco e pouco ir mudando o foco para outras áreas e tarefas em que o denominador comum é, pura simplesmente, o Passado; compreendê-lo, estudá-lo, recolher as suas memórias, procurar as origens da mais diversificada espécie. Da Astronomia para a Arqueologia, e da Arquitectura para um deserto onde mulheres, após mais de vinte anos, continuam a procurar os restos mortais dos familiares mortos e enterrados pelo criminoso regime de Pinochet. É um elo de ligações interdisciplinares onde todos olham para trás, seja para a luz

vinda de estrelas que há muito deixaram de existir, seja para desenhos de milénios nas rochas, seja para cavar terreno à procura de amigos há muito desaparecidos. Preservar a memória. Um dos exemplos mais elucidativos do resguardar da memória encontra-se naquele arquitecto que, anos e anos depois de ter sido libertado de um campo de concentração do regime, conseguiu desenhar de cor os edifícios e os rostos dos companheiros de cela do dito estabelecimento. É assim, o cérebro.

Guzmán, de forma fluída, vai juntando todos estes nós narrativos através de depoimentos das “várias partes interessadas”, chegando a um momento em que cada uma delas envereda pelos caminhos da outra, como aquele comovente de uma das mulheres que anda há anos à procura do marido no Deserto do Atacama, sonhando com a possibilidade de haver uma sonda telescópica que percorra os caminhos e assim indique onde se encontram os corpos. Mas, para a memória, a nossa, ficarão, sobretudo, os segundos e minutos em que Guzmán dá uma primazia ao espectáculo visual: fotografias, imensas, dos corpos celestes, a desolação marciana (como diz o próprio realizador) do Atacama, um cemitério isolado na vastidão do deserto (mais parecendo provir da mente de um Leone), um campo de concentração em ruínas, os movimentos detalhados e circulares de um telescópio. Imagens e planos a que Patricio regressa amiúde, não como meras muletas, mas como incessante recordação de um tempo que já não existe.

E, depois, há a própria narração do realizador, talvez a verdadeira nostalgia do título do filme. Há uma melancolia proustiana nas suas palavras, no modo como o seu próprio passado (a infância) é idealizado como uma época de inocência, onde “nada acontecia” (sic), portanto, onde tudo acontecia. Os berlines da sua criancice são as suas madalenas, filmados em plano de pormenor como se de planetas se tratassem. Daqui a muitos anos, **Nostalgia de la luz** servirá, no mínimo, como preservação arqueológica de algo que se chamava “berlinde”. A última vez que vi alguém fazer uma cova para lá colocar um deve ter sido por volta de 1996.

Para além do seu carácter local (a recusa em esquecer o que se passou entre 1973 e 1990), **Nostalgia de la luz** é uma superlativa demonstração de uma lei universal: só existe o Passado, nada mais. Agora esperemos mais dez anos para um filme do Johnnie To ou do Lisandro Alonso estreiar.

A memória obstinada de Patricio Guzmán

Luís Miguel Oliveira, Publico de 11 de Fevereiro de 2016

Diz o cineasta que “grande parte dos chilenos não fala de História nem pensa na História, ignora-se os massacres e as perseguições.” **Nostalgia da Luz** e **Botão de Nácar** são filmes assombrados pelos mortos. Não querem esquecer.

Patricio Guzmán, chileno nascido em 1941, é um dos mais conceituados documentaristas latino-americanos da actualidade, com uma obra já longa, iniciada no final dos anos 60, e maioritariamente centrada, a partir dos anos 70, em duas figuras capitais da história recente do Chile, Salvador Allende e Augusto Pinochet. Nunca nenhum dos seus filmes estreou comercialmente em Portugal, onde a sua divulgação se tem restringido a projecções em festivais ou na Cinemateca. Estreiam agora, de uma só vez, dois títulos, os seus dois trabalhos



mais recentes: ***Nostalgia da Luz***, de 2010, e ***Botão de Nácar***, de 2015, que podem ser vistos, para já, como um díptico, enquanto Guzmán, que pensa numa trilogia, não acrescenta um terceiro tomo “dedicado à região andina do Chile”, conforme nos conta em conversa telefónica. ***Nostalgia da Luz*** é um filme centrado no norte do país, sobretudo na região do deserto do Atacama (tido como um dos mais secos à face da Terra), ***Botão de Nácar*** desce ao sul e à Terra do Fogo, enquanto um terceiro filme não vem, portanto, focar a fronteira oriental do Chile.

O que os filmes têm em comum é uma muito particular forma de mistura história política e cultural com história natural. São um olhar sobre as especificidades da geografia chilena sempre enquadrado com a história dos homens e mulheres que nessa geografia viveram. E morreram: pese toda a vida sugerida pela natureza, são dois filmes assombrados pela morte e pelos mortos. De forma muito concreta: em ***Nostalgia da Luz*** os desaparecidos – mais do que presumivelmente mortos – durante a ditadura de Pinochet, em ***Botão de Nácar*** o massacre das populações indígenas à medida que avançava a colonização do sul do território chileno.

A memória não é só um tema caro a Guzman, presente nos seus filmes de várias maneiras – como, em ***Nostalgia da Luz***, a interveniente que sofre de Alzheimer e cuja memória está em progressivo desvanecimento. É mais do que isso, é uma espécie de missão pessoal do cineasta, assumida desde que, na segunda metade da década de 1970, rodou, já no exílio, a trilogia ***A Batalha do Chile*** (porventura a mais célebre das suas obras), longo relato da passagem do tempo de Allende ao tempo de Pinochet. Diz Guzmán que no Chile o esquecimento é norma: “Grande parte dos chilenos não fala de História nem pensa na História, ignora-se os massacres e as perseguições, o desprezo pelos índios, ou o verdadeiro contexto por detrás dos golpes de estado”. Acrescenta que a história foi manipulada pela ditadura, e ainda “é manipulada pelas escolas e universidades”, resultando numa versão aceitável e branqueada para conforto das consciências. Tem um filme que reflecte isto, ***Chile, a Memória Obstínada***, feito em 1997 quando voltou ao Chile para projectar a sua ***Batalha do Chile*** para uma plateia de jovens em estado de espanto total com a complexidade dos acontecimentos o filme lhes apresentava.

Severidade e doçura

Esta “missão” é cumprida com severidade e doçura, como se Guzmán, muito crítico da história colectiva chilena, ressaltasse sempre as pessoas, os indivíduos. Em ***Botão de Nácar***, que pela primeira vez em muitos anos descola do tempo específico da ditadura para um olhar cronologicamente mais profundo, ouve-se dizer que a história do Chile são “séculos de impunidade”, frase duríssima que implica uma culpa por expiar. Aplica-se, especialmente, à relação dos chilenos brancos, de origem europeia, com as populações índias, mas ressoa como uma falta de “fecho”, de resolução, como se tudo se dissolvesse lentamente sem nenhuma conclusão definitiva.

Em ***Nostalgia da Luz*** há uma terrível expressão disso, através das histórias das pessoas que, debaixo do espectacular céu do Atacama, continuam a percorrer o deserto em busca de vestígios – ossadas – de familiares e amigos desaparecidos durante a ditadura. É, pela situação, uma expressão poderosíssima do princípio fundamental do filme (ou dos dois filmes), esse casamento entre o tema da memória e a questão geográfica – duma maneira literal, é a memória a ser procurada através da sua inscrição na paisagem, esse deserto onde os torcionários de Pinochet depositavam os cadáveres dos presos políticos.

Não longe dali havia um célebre campo de concentração, e nada menos do que 18 observatórios astronómicos. “A transparência do ar na região do Atacama”, explica Guzmán, “oferece condições únicas para a observação dos céus”. Essa contingência dá o contraponto poético ao filme: o circunstancial “cá em baixo” e essa espécie de eternidade “lá em cima”, as constelações de estrelas muito nítidas, como testemunha muda. Ouve-se um ex-presos contar como, à noite, se reuniam para observar as estrelas e estudar as constelações, antes de os responsáveis pela prisão terem acabado com isso, com medo de que tanto estudo servisse para orientar uma fuga em massa da prisão. Mas o ex-presos diz uma coisa belíssima, que perante o céu nocturno “sentia

uma grande liberdade”, e a frase tem quase a mesma força que a célebre “hora de felicidade” de Kertész num campo nazi.

Guzmán vive hoje em Paris. Estava a filmar quando sucedeu o golpe de estado e rapidamente ele e os seus colegas saíram do país. “Menos o operador de câmara”, que ficou no Chile e desapareceu, “nunca mais se soube nada dele”. Mesmo no exílio, Guzmán, fascinado desde a juventude pelos documentários de Resnais (como **Nuit et Brouillard**) mas também pelas aventuras na natureza dos filmes de Cousteau, pelos mosaicos culturais de filmes como o **Mundo Cão** de Gualtiero Jacopetti, pelos filmes de Chris Marker (que “conheceu muito bem” e se tornou um dos seus mentores) e Frederic Rossif, continuou insistentemente a filmar o país natal. “O Chile é o meu tema”, diz-nos. Não voltou a viver lá, mas desde 1985 que visita o país pelo menos uma vez por ano – ou para filmar, ou para trabalhar no festival de cinema que fundou e durante anos dirigiu. Os seus filmes têm impacto e geram discussão, garante-nos, mesmo que tenham dificuldade em encontrar salas para estrear – ou dinheiro para serem feitos. “O que nos salva são os festivais”, ou “o roteiro pelas escolas e universidades”, onde os seus filmes vivem depois de uma relativamente curta temporada nas salas comerciais.

O Chile não está, portanto, muito diferente do resto do mundo. Estes filmes de Guzmán são, de um modo muito simples, um convite a que o conheçamos melhor. Cumprindo uma das mais básicas formas de atracção pelo cinema: a curiosidade pelos outros, e pelas histórias dos outros.

